



A Visão da Faculdade de Engenharia da Univ. da Beira Interior

Mário Marques Freire

Presidente da FEUBI

A FEUBI tem como missão a criação e difusão de conhecimento e a formação de alto nível nas áreas de Engenharia, Arquitetura e Design do Produto, de modo a servir a Sociedade ou contribuir para o desenvolvimento desta. O conjunto de atividades que desenvolve centra-se numa cultura baseada no mérito de bem ensinar e aprender, no mérito de publicar internacionalmente em revistas científicas de referência, no saber transferir para as empresas o conhecimento que elas necessitam para aumentar a sua competitividade nos mercados globais e no mérito de bem servir a Sociedade.

Integram a FEUBI os Departamentos de Ciência e Tecnologia Têxteis, Ciências Aeroespaciais, Engenharia Civil e Arquitetura, Engenharia Eletro-

mecânica e Informática, praticando-se um ensino centrado no aluno, apoiado por um corpo docente altamente qualificado (quase na sua totalidade doutorado) e estando equipada com instalações laboratoriais de grande diversidade e devidamente equipadas. A FEUBI acolhe dois Laboratórios Associados com avaliação de *Excelente* e integra três unidades de investigação avaliadas com *Bom* pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), estando em processo de criação duas novas unidades de investigação, cujas propostas foram recentemente submetidas à FCT.

No âmbito do Processo de Bolonha, o qual veio introduzir alterações significativas ao nível da formação universitária e tendo como objetivo centrar a aprendizagem no aluno, a FEUBI enca-

rou a mudança necessária como uma oportunidade e encetou um processo profundo de reflexão interna e de mudança, que revelou a sua liderança, flexibilidade de gestão e capacidade de adaptação aos novos paradigmas europeus do ensino universitário e adequou com sucesso, em 2006, as suas licenciaturas e mestrados em Engenharia. Pretendeu-se fomentar a proximidade cada vez maior do ensino e investigação às necessidades reais da indústria e dos serviços, tendo sempre como preocupação o entendimento, comungado pela comunidade científica e profissional, de que uma formação adequada em Engenharia deve ter um tempo de formação mínimo de cinco anos e ser de nível universitário.

Aceita-se a possibilidade de alguma reorientação do aluno para a frequência dos mestrados (segundo ciclo) em Engenharia, desde que a formação de base inicial tenha sido também em Engenharia, na mesma especialidade ou numa área afim.



A Visão do Diretor da Faculdade de Engenharia da Univ. do Porto

Sebastião Feyo de Azevedo

Diretor da FEUP • Professor Catedrático de Engenharia Química

Avalio a evolução do Sistema de Educação Superior em Portugal, no âmbito da reforma, ainda em curso, associada ao Processo de Bolonha, como de sucesso moderado. Bolonha contém uma vertente de estrutura, sob uma capa política, e uma vertente de substância, sob uma capa académica. Na estrutura, que visa promover a cooperação e mobilidade, Bolonha preconiza (i) um quadro de qualificações, (ii) um sistema de graus, (iii) um sistema para medir trabalho (ECTS) e (iv) um sistema de garantia de qualidade. Na substância, temos um desafio de revolução dos conteúdos e dos métodos de ensino centrado nos estudantes, estes últimos hoje verdadeiramente associados à explosão de novas ferramentas de apoio à atividade cooperativa nessa aprendizagem.

Uma breve análise SWOT, com destaques relativamente ao que fizemos e estamos a fazer na FEUP:

Forças: o esforço de garantia de qualidade que fizemos, no quadro de conceções europeias de qualidade, foi 100% bem sucedido – somos a única Escola de Engenharia portuguesa que tem todos os seus cursos de entrada em Engenharia exibindo o selo de qualidade EUR-ACE, generalizadamente reconhecido na Europa: uma mais-valia para os nossos diplomados; a exigência de uma dissertação com um mínimo de 30 ECTS (um semestre) trouxe uma evolução excepcionalmente positiva: globalmente, cerca de 48% dos nossos estudantes desenvolvem os seus traba-

lhos de fim de curso fora dos muros da FEUP;

Fraquezas: o modelo prevalecente de sistema de graus não favorece a formação multidisciplinar; ainda não interpretamos adequadamente o conceito de créditos ECTS (um problema nacional); é ainda tímido o uso de metodologias cooperativas de aprendizagem;

Ameaças externas: o inequívoco desinteresse político pelo fortalecimento da reforma, resultado do *deficit* nacional de compreensão do modelo de organização prevalecente nos países europeus mais desenvolvidos;

Oportunidades: Temos muito espaço para progressão; somos reconhecidos internacionalmente; somos individualmente totalmente capazes... mais tarde do que o desejado, mas iremos lá chegar.

Entradas no Ensino Superior Universitário e Politécnico em cursos de Engenharia – 2013/2014

Taxa de preenchimento de vagas (%) – 2013/14 – Cursos universitários e politécnicos congêneres

Curso	Ambiente	Bioeng.	Civil	Eletrotéc.	Informát.	Gestão	Mecânica	Metal. e Materiais	Química
FE-UP	100,0	100,0	74,7	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
FC-UL	79,6	100,0				87,6			
FCT-UC	2,6	100,0	9,5	54,4	100,0	81,0	100,0		80,0
FCT-UNL	72,3	100,0	15,0	67,3	100,0	100,0	100,0	60,0	86,3
ISA-UTL	92,0								
ISCTE					100,0				
IST-UTL	100,0	101,7	62,5	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
U. Aveiro	55,3		12,5	81,1		100,0	100,0	36,0	100,0
U. Algarve			3,0	17,9	40,0		42,9		
UBI		43,3	2,0	3,3	45,0				
U. Évora					58,3				
U. Minho		100,0	10,0	70,0	101,5	100,0	100,0	37,0	
UTAD	9,1	96,7	0,0	12,1	102,3		40,7		
I.P. Beja	0,0				8,0				
I.P. Bragança	0,0	3,3	0,0	0,0	8,5		4,2		0,0
I.P. Castelo Branco			0,0	4,0	20,0				
I.P. Cávado				10,0					
I.P. Coimbra		28,0	0,0	15,4	95,7	26,1	15,4		
I.P. Guarda			0,0		13,2				
I.P. Leiria	11,1		0,0	22,9	73,3	0,0	28,6		
I.P. Lisboa			4,0	5,2	100,0		27,3		16,5
I.P. Portalegre					0,0				
I.P. Porto		94,4	5,0	40,0	100,0	29,6	88,0		90,7
I.P. Setúbal	2,8	6,7	0,0	3,3	30,8		10,5		
I.P. Santarém	0,0								
I.P. Tomar			0,0	2,9	4,4		0,0		0,0
I.P. Viana do Castelo	4,5			2,9	51,7		11,1		
I.P. Viseu	2,8		0,0	2,2	48,3	2,9	17,8		